

Competitividade das exportações brasileiras de móveis no mercado internacional: uma análise segundo a visão desempenho¹

Maritzel Rios Fuentes Coelho*
Ricardo Berger**

Resumo

Este trabalho apresenta estimativas do modelo de comércio internacional *constant-market-share*, aplicado às exportações brasileiras de móveis para o período 1990/2000, com o objetivo de avaliar o desempenho das mesmas. Os resultados apontaram que o crescimento das exportações, no referido período, deve ser creditado em 90% ao efeito competitividade, em 8% ao efeito crescimento do mercado mundial de móveis, e em 2% ao efeito destino das exportações. A análise por subperíodos: 1990/1995 e 1995/2000 indica que o efeito da competitividade cai de 94% para 42%, o efeito comércio mundial passa de 5% para 70%, e o efeito destino das exportações passa de 1% a -12%. Os resultados sugerem que o crescimento das exportações brasileiras de móveis foi determinado, principalmente, pela ação de fatores internos que afetam a competitividade.

Palavras-chave: *constant-market-share*; comércio internacional; economia florestal; indústria de móveis; balança comercial.

Abstract

This paper shows ratings of an international trade model in constant market share applied to the Brazilian furniture exports in 1990/2000, being the aim to evaluate the performance. Results show that the exports growth, within the specified period, must be credited in 90% to competitiveness, 8% to the growth of the international furniture market and 2% to the destination of exports. The analysis of sub-periods such as 1990/1995 and 1995/2000 show a competitiveness fall from 94% to 42%, international commerce increases from 5% to 70% and exports destination goes from 1% to -12%. Results suggest that the Brazilian furniture exports growth is determined mainly by internal factors that affect competitiveness.

Key words: constant market share; international trade; forest economics; furniture industry; balance of trade.

¹ Este artigo baseia-se na Tese de Doutorado de Maritzel Rios Fuentes Coelho, intitulada *Fatores determinantes do desempenho das exportações de móveis: uma análise da indústria brasileira no período de 1990/2001*, orientada pelo co-autor do artigo, Ricardo Berger.

* Doutora em Economia e Política Florestal pela Universidade Federal do Paraná (UFPR).

** Professor Doutor do Curso de Pós-Graduação em Engenharia Florestal da Universidade Federal do Paraná (UFPR).

Introdução

A indústria mundial de móveis viveu grandes transformações durante a década de 1980. Entre as principais mudanças estão o uso de equipamentos automatizados, que propiciaram aumento na produtividade, a utilização de novas técnicas de gestão e o emprego de novas matérias-primas.

Essas mudanças transformaram o mercado de móveis num mercado de massas, além de possibilitar uma maior padronização e qualidade dos produtos. Conseqüentemente, houve um crescimento do comércio mundial de móveis.

O comércio internacional de móveis se consolidou a partir dos anos 1970, sob a liderança da Itália, envolvendo, atualmente, cerca de 50 países. O volume das transações, em 2000, foi de aproximadamente US\$ 57 bilhões. Os maiores exportadores foram Itália, Estados Unidos, Alemanha, Canadá e França.

A indústria brasileira nesse segmento é extremamente fragmentada, intensiva em mão-de-obra, com pouca participação no valor agregado e verticalizada. As três primeiras características também são observadas na indústria internacional, entretanto a organização da produção é horizontalizada.

Especialmente, a indústria brasileira está localizada principalmente nas Regiões Sul e Sudeste do País. Os principais complexos moveleiros são: São Bento do Sul (SC), Bento Gonçalves (RS), Araçatuba (PR), Ubá (MG), Mirassol (SP) e Votuporanga (SP), cada um deles com estruturas produtivas e linhas de produtos diferenciadas.

No Brasil, a indústria de móveis avançou muito durante a década de 1990. Alguns segmentos realizaram investimentos na aquisição de máquinas e equipamentos importados, que trouxeram, como conseqüências diretas, o aumento da escala de produção e a

padronização do produto ao nível internacional, possibilitando uma elevação significativa das exportações de móveis. As exportações passaram de US\$ 44 milhões, no ano de 1990, para US\$ 487 milhões em 2000, o que implicou um aumento na participação das exportações brasileiras no comércio mundial de móveis de 0,1% para 0,9%, respectivamente.

As exportações brasileiras são pouco diversificadas, restringindo-se basicamente a móveis residenciais de madeira, 70% do total exportado. Cabe destacar que as vendas externas são originadas em empresas localizadas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, que juntos respondem por 87% das exportações.

O presente estudo tem como objetivo principal analisar o desempenho das exportações de móveis brasileiros na década de 1990, procurando verificar em que medida as elevadas taxas de crescimento das exportações observadas no período estariam refletindo apenas uma tendência de crescimento do comércio mundial ou, em parte, poderiam ser explicadas pelos ganhos de competitividade da indústria nacional. Mais especificamente, pretende-se aplicar o modelo de comércio internacional *constant-market-share* na análise do desempenho das exportações de móveis brasileiros e, assim, quantificar a competitividade das mesmas.

Para tanto, o artigo conta com três seções principais. Na primeira, faz-se uma breve análise da evolução das exportações de móveis brasileiros durante a década de 1990, destacando-se as principais características. Na seqüência são expostos os procedimentos metodológicos, em que se apresentam algumas definições do conceito de competitividade e explica-se a análise do tipo *constant-market-share*, técnica utilizada neste artigo. Na terceira seção são apresentados os principais resultados.

1 Evolução das exportações brasileiras de móveis

Neste item pretende-se apresentar um panorama da evolução das exportações brasileiras de móveis, visando ressaltar as principais características do crescimento observado. Comentam-se, com base na literatura existente, os principais fatores que o alavancaram. São apontados, também, alguns dos principais trabalhos que têm contribuído para o debate da questão das exportações de manufaturados, mais especificamente do caso dos produtos florestais.

As exportações brasileiras de móveis cresceram expressivamente durante a década de 1990. Entre os anos de 1990 e 2001, o valor exportado aumentou 1.252%, passando de aproximadamente US\$ 40 milhões para US\$ 501 milhões, conforme mostra o gráfico 1.

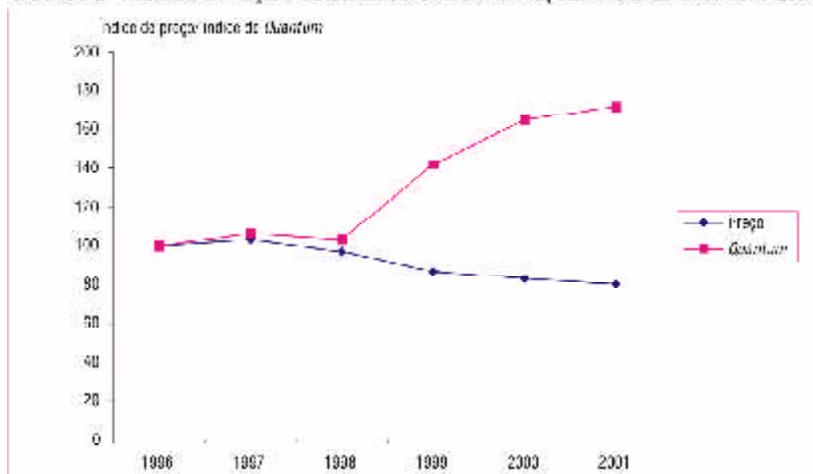
Contudo, segundo Valença et al. (2002), o crescimento em termos absolutos, ainda que significativo, não expressa o esforço exportador da indústria, pois o preço dos móveis exportados vem caindo desde 1999. Com a desvalorização cambial naquele ano, os custos internos se reduziram significativamente, e as pressões dos compradores fizeram com que os preços em dólares também caíssem, como aponta o gráfico 2.

GRÁFICO 1 - EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS - 1990-2001



Fonte: Secretaria do Comércio Exterior - SECEX

GRÁFICO 2 - ÍNDICE DE PREÇO E DE QUANTUM DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS - 1996-2001



Fonte: IBGE

Para garantir a mesma lucratividade, as empresas viram-se obrigadas a buscar um aumento da produtividade. Cite-se o exemplo da Artefama² – uma das empresas líderes em exportação de móveis, localizada em Santa Catarina, com uma receita anual de US\$ 20 milhões no ano de 1999, após um período de recuperação promovido pelo aperto cambial –, que investiu com recursos próprios o equivalente a US\$ 3,5 milhões em tecnologia, treinamento e instalações, não obstante, segundo um dos seus diretores, tenha tido que embarcar 20% a mais do produto para auferir a mesma receita de US\$ 20 milhões. O lucro se manteve na proporção dos ganhos de produtividade, da queda nos custos e da terceirização de alguns itens da produção.

Ao se analisar o crescimento das exportações, deve-se fazer uma distinção entre dois tipos de padrão de crescimento observados na década de 1990. No período de 1989 a 1995, as taxas médias de crescimento anuais ficaram em torno de 70%, o que se explica, em parte, pela reduzida base inicial de exportações naquele período e pela melhoria da capacidade produtiva da indústria. Já a partir de 1995 nota-se um crescimento bem menos pronunciado, com taxas médias de 7,5% a.a.

As exportações brasileiras de móveis são em sua grande maioria compostas por móveis de madeira, em que os residenciais do tipo torneados respondem por 70%, as cadeiras respondem por 7%, e os móveis de outros materiais, partes e outros tipos respondem pelos restantes 23% (SECEX, 2003).

De acordo com o Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior - MDIC (2001) e Rangel (1993), os fatores que explicam o crescimento das exportações podem ser os seguintes:

- a) melhoria da capacidade produtiva;
- b) transformações no Leste Europeu, que permitiram ao Brasil exportar para os mercados que eram supridos por outros países;
- c) avanço das negociações do Mercosul;
- d) salto tecnológico da indústria moveleira.

Rangel (1993) argumenta, por sua vez, que o produto físico da indústria moveleira no ano de 1990 cresceu em torno de 250%, quando comparado com o ano de 1970, conforme dados do IBGE. Isso sugere que houve uma grande melhoria na capacidade produtiva – principal fator apontado –, embora o período tenha coincidido com o aumento das exportações brasileiras de móveis.

O terceiro fator, o avanço das negociações do Mercosul, permitiu o estabelecimento de menores tarifas de exportações para regiões, comparativamente com as tarifas enfrentadas em outros países ou blocos. No caso dos produtos de madeira e móveis, a Tarifa Externa Comum (TEC) variou de 7,5% a 19,5%, o que possibilitou o aumento das exportações para a região. Em outros países, como o México, as tarifas para as mesmas operações e produtos chegam a ser de até 25% (FARINHA, 2003).

O quarto fator apontado pela literatura pode ser mais bem compreendido quando se analisa a modificação na evolução e no destino dos desembolsos feitos pelo BNDES com o objetivo de modernizar o setor, que atingiram cerca de US\$ 245 milhões para a indústria moveleira durante a década.

Uma outra ação do BNDES concentra-se na modernização tecnológica da indústria de painéis de madeira, investimento que atingiu, conforme Valença et al. (2002), entre os anos de 1997 a 2001, o montante de US\$ 250 milhões, permitindo quase que a duplicação da produção de painéis de madeira aglomerada e de MDF. Em 1997, a produção conjunta desses produtos era de 1.254 mil m³, passando para 2.442 mil m³ no ano de 2001, o que significou uma taxa de crescimento da ordem de 14,25% a.a. no período. Isso permitiu o aumento da oferta de outras matérias-primas para a indústria como um todo, diminuindo, assim, a pressão sobre a oferta de matérias-primas tradicionais (pinus) utilizadas pela indústria exportadora, supondo-se, conseqüentemente, que isso acarrete queda nos preços.

²Com base em entrevista publicada na **Revista da Madeira**, Curitiba, ano 9, v.54.

Com relação à participação do Brasil nas exportações mundiais de móveis, os indicadores são bastante discretos, embora nos últimos anos tenha havido, por parte da Associação Brasileira de Indústrias do Mobiliário (Abimóvel), um grande esforço no sentido de aumentar a participação brasileira no comércio mundial. Segundo dados da SECEX, o Brasil participou com 0,8% do total das exportações mundiais, que no ano de 2000 alcançaram o valor de US\$ 57 bilhões.

As maiores exportações brasileiras de móveis foram realizadas por empresas localizadas nos Estados de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo que no ano de 2001 a indústria catarinense foi responsável por 47%, e a indústria gaúcha por 31% do total das exportações. Consta-se, desse modo, a importância econômica da Região Sul nas exportações de móveis brasileiros, tendo sido responsável, em 2001, por 87% das exportações totais. Observa-se, também, o perfil exportador da indústria de Santa Catarina. Pesquisa de campo de Coutinho et al. (2001) verificou que, do total de empresas analisadas nesse estado, 92% exportavam seus produtos; no caso do Rio Grande do Sul, esse percentual foi de 42%.

A tabela 1 permite analisar a evolução da participação das exportações brasileiras de móveis para os principais blocos econômicos. Observa-se que, no ano de 2001, os blocos econômicos Nafta e União Européia foram os principais mercados para os móveis brasileiros, pois, somados, representaram mais que 60% do total das exportações brasileiras em todos os anos focalizados.

TABELA 1 PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS, SEGUNDO BLOCO ECONÔMICO - 1989/2001

BLOCO	1989	1995	1997	2000	2001
Mercosul	7	13	19	23	19
Nafta	55	21	18	25	35
Aladi	4	2	3	2	3
União Européia	17	44	44	35	27
Ásia	-	-	-	-	-
Resto do mundo	17	17	16	15	16
TOTAL	100	100	100	100	100

FONTE: SECEX

Cabe ressaltar que a União Européia, tradicionalmente, é uma grande importadora de móveis brasileiros, mas no ano de 2001 perdeu espaço para a Nafta, embora não se tenham elementos para afirmar se isto representa uma mudança estrutural da demanda ou apenas um fato conjuntural.

No caso do Mercosul, apesar de as exportações terem caído, no último ano, de 23% para 19% do total exportado, este valor é bastante superior ao observado no início do período analisado (1989), quando o valor exportado para estes países representava 7%.

Numa análise mais específica, com base nas informações da SECEX, verifica-se que os países que mais importaram móveis brasileiros em 2001 foram os Estados Unidos, Argentina, França, Reino Unido, Alemanha e os Países Baixos. Observa-se, também, que houve uma expansão e diversificação, ainda que discreta, dos mercados-alvo das exportações brasileiras, destacando-se que dois mercados absorveram em torno de 50% das exportações, Estados Unidos e União Européia, fato este acentuado pela recente retração da economia argentina, um dos principais compradores dos móveis brasileiros. O aumento das exportações de móveis para os Estados Unidos, uma das metas do Programa de Incentivo das Exportações de Móveis (Promóvel), criado pela Abimóvel - Associação Brasileira da Indústria Moveleira, só se realizou graças às fortes campanhas e investimentos em feiras e delegações para divulgar o produto brasileiro naquele país.

Os Estados Unidos são o mercado com melhor potencial de crescimento, visto que o tamanho do mercado consumidor interno é grande, existindo um elevado poder de compra (25% das importações mundiais são feitas pelos Estados Unidos, e o mercado consumidor norte-americano é da ordem de US\$ 60 bilhões), proximidade geográfica, reduzidas restrições ambientais e, principalmente, pequena participação dos móveis brasileiros nas importações americanas, se comparada à de outros países.

Tais características tornam o mercado americano o principal objetivo para os países exportadores, o que faz crescer ainda mais a concorrência. Como forma de aumentar as vendas brasileiras naquele mercado é necessário que a indústria invista em *design*, considerado um dos principais fatores de competitividade.

Segundo os dados da Abimóvel (2003), a consolidação da participação do Brasil no mercado americano se expressa no fato de o país ter figurado pela primeira vez, no ano de 2002, entre os dez maiores exportadores de móveis para os Estados Unidos. Isto ganha maior importância quando se constata que as importações americanas totais, nesse ano, caíram 0,6%, enquanto as exportações brasileiras para esse mercado aumentaram 38%.

Relativamente ao potencial de crescimento das exportações para a América Latina, há um grande potencial em virtude da proximidade geográfica, que diminui os custos de transporte. Entre os países que poderiam ser alvo das exportações, conforme Gorini (1998), têm-se a Venezuela, o Chile e os Países do Caribe e da América Central, que importaram US\$ 49 milhões no ano de 2000, contra US\$ 33 milhões em 1999.

1.1 Estudos sobre as exportações de móveis

Trabalhos que tratam sobre os determinantes das exportações foram desenvolvidos por vários autores, especialmente em relação às exportações de manufaturados, produtos básicos e ao saldo da balança comercial. Entre os mais citados estão os estudos de Horta (1983), Rios (1992), Zini (1998), Bonelli (1991), Pinheiro e Horta (1992), Horta e Souza (2000) e Nonnemberg (2001).

Horta (1983) analisou os determinantes do crescimento das exportações brasileiras durante a década de 1970, utilizando-se do modelo *constant-market-share*. Rios (1987) examinou as exportações de manufaturados para o período 1964-1984, com o objetivo central de determinar a demanda e a oferta

das exportações e, também, as fontes de crescimento destas. Na mesma linha, Zini (1998) buscou estimar a elasticidade de exportações e de importações para o Brasil, por grupo de bens. Bonelli (1991) avaliou as exportações tentando determinar o impacto do aumento da produtividade sobre o crescimento das exportações para o período 1975-1985. Pinheiro e Horta (1992) comprovaram que as exportações brasileiras, entre os anos de 1980 e 1988, passaram por três momentos diferentes no que se refere à competitividade: um momento de estabilidade, nos três primeiros anos do período analisado, um período de melhora, entre 1983 e 1985, e um momento de queda, a partir de 1986.

Utilizando diversas técnicas, esses trabalhos chegaram a resultados muito parecidos no sentido de demonstrar a importância da taxa de câmbio real sobre o desempenho das exportações.

No que se refere a estudos que analisaram as exportações brasileiras de produtos florestais a literatura não é muito contemplativa, pois trata principalmente dos produtos de madeira. São exemplos de trabalhos, nessa área, o de Medeiros e Fontes (1994), que analisaram a competitividade das exportações brasileiras de celulose, o de Ângelo (1998), que estudou as exportações de madeiras tropicais, e o trabalho, também deste último autor (1999), que tratou das exportações de mogno. Mais recentemente, Brasil (2002) avaliou as exportações de painéis, em estudo que constituiu um dos poucos trabalhos que se centram na questão dos produtos manufaturados na cadeia de móveis e madeira.

Estudos sobre a indústria moveleira brasileira são ainda mais restritos, e podem ser agrupados em três grupos, conforme Marion Filho e Bacha (1998): trabalhos tipo diagnóstico ou panorama, estudos técnicos, e estudos de regiões específicas.

No primeiro grupo podem ser incluídos os trabalhos de Rangel (1993), Gorini (1998), Coutinho et al. (2001), Abimóvel (2003), e Farinha (2003), que fazem uma descrição da indústria moveleira, dando destaque à competitividade e à modernização.

No segundo grupo cabe citar o trabalho de Arruda (1997), que traz uma excelente descrição da evolução da indústria moveleira brasileira. Merece destaque também o trabalho técnico do MDIC (2001), de auto-avaliação, que serviu de base ao Fórum de Competitividade, programa desenvolvido pelo MDIC no ano de 2001.

No terceiro grupo têm-se os trabalhos de Marion Filho e Bacha (1998), que avaliaram a indústria moveleira de Santa Catarina e do Rio Grande do Sul, dando ênfase à organização industrial; de Coelho (2003), que analisou as estratégias competitivas das empresas de Santa Catarina; e de Martins (2003), que tratou da percepção dos empresários das indústrias da Região Sul diante da consolidação da Alca.

2 Metodologia

2.1 Conceitos de competitividade

Numa definição bem simples, a competitividade é associada ao desempenho das exportações industriais. Assim, são competitivas as indústrias que ampliam sua participação no comércio mundial de determinados produtos. A definição abrange, além das condições de produção, os outros fatores que inibem ou estimulam as exportações. Essa noção de competitividade foi utilizada por Horta (1983) na análise das exportações de manufaturados.

Em razão do elevado número de variáveis que o influenciam, o conceito de competitividade, segundo Pereira e Souza (1997), vem sendo apresentado das mais variadas formas. Com base em Haguenauer (1989), Pinheiro e Horta (1992) e Kupfer (1993), o conceito de competitividade das exportações pode ser entendido a partir de três visões diferentes, que têm como base critérios também diferentes: a visão desempenho, a visão macro e a visão eficiência.

A chamada visão desempenho avalia a competitividade das exportações tomando como base o desempenho das exportações de um país no mercado internacional. Quanto maior for a participação no mercado internacional, mais competitivas serão as exportações do país. Os trabalhos que analisaram as exportações segundo essa visão tiveram como objetivo, em sua maioria, identificar as fontes ou os determinantes do crescimento das exportações. O instrumental utilizado nesses casos foi o modelo *constant-market-share*.

A visão macro avalia a competitividade das exportações levando em conta as decisões políticas, as quais, segundo Pinheiro e Horta (1992), são de grande relevância para o resultado. As variáveis de política econômica, principalmente a cambial (taxa de câmbio) e fiscal (subsídios), podem ser usadas como mecanismos de aumento da competitividade das exportações. Um instrumento bastante empregado para medir a competitividade segundo esse critério é a taxa de câmbio real (ÂNGELO, 1997; HORTA, 1983).

Por fim, a chamada visão eficiência associa a competitividade das exportações à capacidade de um país de produzir bens com níveis de eficiência e qualidade superiores aos seus competidores no mercado. Um indicador utilizado para medir a competitividade é a rentabilidade das exportações (FUNCEX, 2002).

Além dessas definições mais universais, há outros autores, comentados a seguir, que têm discutido a questão da competitividade mas que não se enquadram nas visões apresentadas acima.

Araújo (1982), citado por Pereira e Souza (1997), associa a competitividade a fatores tecnológicos. Assim, o progresso técnico e as formas de concorrência surgem como elementos importantes para explicar os ganhos de competitividade na estrutura industrial. Desta forma, quanto maior o conteúdo tecnológico dos produtos, maior a capacidade de competição no mercado internacional.

Uma outra vertente, que tem como destaque o trabalho de Tauile (1990), sublinha a relação que existe entre competitividade, salários e dinamismo do mercado interno. Segundo o autor, salários reais mais altos tendem a estimular as empresas a buscar novos processos produtivos, mais eficientes e atualizados, os quais têm como consequência um aumento da competitividade internacional.

Pereira e Souza (1997) discutem, ainda, outras duas correntes. Uma delas associa a competitividade às condições de produção (custos, organização social da produção, capacidade tecnológica, etc.). Os autores indicam como referencial o trabalho de Haguenaer (1989) e comentam que a principal vantagem desse autor está no fato de propor um conceito que engloba as condições de produção e as condições institucionais (política industrial, P&D, entre outras).

Finalmente, é necessário apresentar o conceito proposto por Fajnzylber (1988), que extrapola os fatores internos da empresa e associa a competitividade à capacidade de um país de manter e expandir sua participação nos mercados internacionais e elevar o nível de vida da população. Ele avalia a competitividade como desempenho, contudo faz uma distinção, atribuindo-lhe os qualificativos de autêntica (aumento da produtividade via progresso técnico) ou espúria (baixos salários, taxa de câmbio, etc.), com base nas fontes que a originam. Para Fajnzylber, os fatores que determinam a competitividade são os mais variados, já que competem no mercado internacional não apenas empresas, mas também sistemas produtivos. Desse modo, a competitividade também depende de externalidades, como o sistema educacional, sistema financeiro, P&D, aparato institucional, etc.

O que fica claro após essa breve revisão dos conceitos de competitividade é que a escolha do conceito e das medidas mais adequadas para avaliar a competitividade depende principalmente da natureza do mercado, do produto exportado e da participação do país no comércio internacional. Neste trabalho, em

virtude do seu objetivo, a saber, a discussão do tema das exportações, utilizou-se o conceito de competitividade com base na visão desempenho, e o instrumental matemático escolhido foi o modelo *constant-market-share*, descrito na continuação deste estudo.

2.2 Metodologia de análise

De acordo com a visão desempenho, a competitividade pode ser definida de forma simples em relação ao desempenho das exportações industriais, ou seja, uma indústria é mais competitiva à medida que aumenta sua participação no comércio mundial. Nesta definição, englobaram-se as condições de produção e todos os demais fatores que inibem ou estimulam as exportações, conforme destacaram Horta (1983) e Ângelo (1999).

Kupfer (1993) explica, de forma clara e sintética, a competitividade como desempenho. Para o autor, a competitividade é expressa, de alguma forma, pela participação no mercado (*market-share*) alcançada por uma firma ou conjunto de firmas no comércio internacional total da mercadoria. Apareceria como seu indicador mais imediato, mais especificamente quando se estuda a competitividade internacional.

A medida de “competitividade”, segundo esse conceito, consiste na obtenção por resíduo, descontando-se do crescimento das exportações de um determinado produto e país o efeito conjuntura internacional (taxa de crescimento do comércio mundial), o efeito produto (evolução das transações internacionais do produto) e o efeito mercado (evolução das importações dos países de destino).

Trata-se de um conceito *ex-post*, que analisa a competitividade tanto de indústrias quanto de países, podendo ser expandido no sentido de se observar a capacidade de competir também no mercado doméstico.

Esse tipo de análise pode ser feito mediante a utilização do modelo tipo *constant-market-share*,

quando o objetivo é estudar o comportamento e o desempenho das exportações. O presente trabalho emprega uma simplificação do modelo, adaptado para o caso de haver apenas um produto na pauta de exportação. A análise permite, ainda, decompor o crescimento das exportações em três componentes e avaliar a contribuição de cada um dos fatores na explicação do crescimento das exportações, através da seguinte identidade:

$$\sum_j SV'_j - V_j = \sum_j r V_j + \sum_j (r_j - r) V_j + \sum_j (V'_j - V_j - r_j V_j) \quad (1)$$

j (a) (b) (c)

onde:

V'_j = valor monetário das exportações de móveis do país em foco para o mercado j , no período 2;

V_j = valor monetário das exportações de móveis do país em foco para o mercado j , no período 1;

$V'_j - V_j$ = crescimento efetivo do valor das exportações de móveis do país em foco para o mercado j ;

r = percentagem de crescimento do valor das exportações mundiais de móveis, do período 1 para o período 2;

r_j = percentagem de crescimento do valor das exportações mundiais de móveis para o país j , do período 1 para o período 2.

Desse modo, compreende-se o crescimento das exportações de móveis como uma somatória dos seguintes fatores:

- a) efeito crescimento do comércio mundial de móveis: é representado pela percentagem de crescimento observada se as exportações do país crescerem na mesma taxa do comércio mundial;
- b) efeito destino das exportações: é representado pelos ganhos (ou perdas), em termos da percentagem de crescimento, pelo fato de o

país exportar para mercados que cresceram a taxas superiores (ou inferiores) à média observada para todos os países;

- c) efeito contribuição: é representado em termos de percentagem de crescimento, dos ganhos (ou perdas) de participação do produto nos diferentes mercados, e dos ganhos (ou perdas) de competitividade, seja em termos de preços e/ou custos, seja em virtude de melhoria na qualidade do produto, ou em razão das condições de financiamento.

2.3 Fonte de dados

Os dados das exportações brasileiras de móveis foram obtidos junto ao Banco de Dados Alice Web, elaborado pelo MDIC/SECEX. A periodicidade das informações é anual e inclui os anos de 1990, 1995 e 2000. Os valores estão expressos em dólares e, por esta razão, utilizou-se um deflator, o índice de preços dos Estados Unidos (IPA). Já os dados das exportações mundiais de móveis foram obtidos do Banco de Dados do Centre Industrial Studies – Milano (CSIL). As regiões consideradas foram os cinco maiores mercados compradores dos móveis brasileiros, no período analisado: Estados Unidos, França, Argentina, Alemanha e Reino Unido. Um sexto mercado, denominado de “outros mercados”, foi acrescentado e inclui os outros países consumidores.

2.4 Limitações

Em trabalhos que avaliam a competitividade, o conceito de desempenho das exportações e o uso de modelos do tipo *constant-market-share* são freqüentemente utilizados. Contudo, esse conceito, bem como a técnica, apresentam algumas limitações, comentadas a seguir.

A principal crítica ao conceito de desempenho se refere ao tratamento estático que lhe é conferido. Segundo alguns autores, como Kupfer (1993), o problema surge pelo fato de o conceito de competitividade com base na visão desempenho ser uma análise *ex-post*, não sendo possível, portanto, estabelecer relações diretas de causalidade.

No que se refere às limitações do modelo utilizado, pode-se afirmar que o uso de análise do tipo *constant-market-share*, em estudos que investigam as causas do crescimento e desempenho das exportações, envolve questões de natureza metodológica, a exemplo do fato de que o modelo utiliza apenas as informações dos dados iniciais e finais do período escolhido. Entretanto, isto não invalida os resultados. Acrescente-se, ainda, que se tentou contornar essa limitação avaliando também os subperíodos 1990/1995 e 1995/2000.

3 Resultados

Através da análise do tipo *constant-market-share*, as taxas de crescimento das exportações foram decompostas em fatores estruturais e em um fator

competitividade, determinado por resíduo. Assim, o crescimento das exportações pode ser explicado pelo crescimento do comércio mundial, pela concentração favorável (ou desfavorável) das exportações em mercados de rápido (ou lento) crescimento e por um efeito de competitividade que resulta de ganhos (ou perdas) de participação nos diferentes mercados.

A taxa anual média de crescimento das exportações brasileiras de móveis (39% a.a.), para o período de 1990 a 2001, foi mais elevada que a taxa média de crescimento das exportações totais brasileiras (4,8% a.a.). Considerando separadamente os subperíodos 1990/1995 e 1996/2001, observa-se que o crescimento das exportações de móveis foi significativamente superior no primeiro período, quando a taxa de crescimento médio foi de 70% a.a. para as exportações de móveis contra 5,5% a.a. para as exportações totais brasileiras. Já no segundo período, as taxas médias de crescimento ficaram muito próximas, 7,5% a.a., contra 4,1% a.a., com base nos dados da SECEX.

Os cálculos das fontes de crescimento das exportações podem ser visualizados na tabela 2.

TABELA 2 CÁLCULOS DAS FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS 1990/2000

MERCADO	Vj (90) (US\$ milhões)	Vj (00) (US\$ milhões)	Xmj(90) (US\$ milhões)	Xmj(00) (US\$ milhões)	rj	rj * Vj (US\$ milhões)	r * Vj (US\$ milhões)
Estados Unidos	19	114	5.940	17.000	1,86	35,38	17,10
França	1,1	69	3.000	4.000	0,33	0,37	0,99
Argentina	0,4	80	200	100	0,50	0,20	0,36
América Latina	4,4	37	3.500	8.000	1,28	5,66	3,06
Reino Unido	0,99	37	2.000	3.000	0,50	0,50	0,89
Outros	18	193	15.360	22.900	0,49	8,84	16,20
TOTAL	44	530	30.000	57.000	0,90	50,00	39,50

FONTES: SECEX, Centre Industrial Studies - Milano (CSIL)

NOTAS: Dados trabalhados pela autora

Vj (90) = valor das exportações de móveis do Brasil para o mercado j em 1990.

Vj (00) = valor das exportações de móveis do Brasil para o mercado j em 2000.

Xmj (90) = valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j em 1990, excluídas as exportações do Brasil.

Xmj (00) = valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j em 2000, excluídas as exportações do Brasil.

rj = ((Xmj)/Xmj) - 1 = taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j.

r = ((Xm')/Xm) - 1 = taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de móveis.

Os cálculos apresentados na tabela 2 possibilitam obter o impacto de cada um dos efeitos, em unidades monetárias, os quais vêm sintetizados na tabela 3.

TABELA 3 - IMPACTO DOS EFEITOS SOBRE AS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS - 1990/2000

VARIÁVEIS	US\$ milhões
A - Exportações brasileiras de móveis em 2000	530
B - Exportações brasileiras de móveis em 1990	44
C - Crescimento efetivo (C = A - B)	486
D - Efeito do crescimento mundial ($\%r^* V_j$)	39,5
E - Efeito destino das exportações ($\%r_j^* V_j - \%r^* V_j$)	10,5
F - Efeito competitividade (F = C - D - E)	436

FONTE: A autora.

A tabela 4, a seguir, apresenta o padrão de crescimento das exportações brasileiras de móveis, com as respectivas decomposições em termos percentuais dos três efeitos mencionados anteriormente.

TABELA 4 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS - 1990/2000

FONTES DE CRESCIMENTO	PARTICIPAÇÃO (%)
Efeito crescimento do mercado mundial	8
Efeito destino das exportações	2
Efeito competitividade	90

FONTE: A autora.

O efeito do crescimento do mercado mundial de móveis foi responsável por 8% do crescimento total. Os dados referentes ao crescimento das exportações mundiais de móveis e das exportações brasileiras de móveis auxiliam na compreensão desses resultados, pois durante o período de 1990 a 2001 as exportações mundiais de móveis cresceram em torno de 90%, enquanto as exportações brasileiras de móveis apresentaram um crescimento da ordem de 1.200%.

O efeito destino das exportações foi pouco significativo, 2%, ou seja, somente este percentual do crescimento efetivamente observado pode ser atribuído

ao fato de os mercados das exportações brasileiras terem crescido acima da média mundial dos mercados de móveis. Esse resultado encontra respaldo no fato de que durante a década de 1990 houve uma concentração em alguns blocos que apresentaram pouco dinamismo econômico (Mercosul, União Européia), comparativamente com outras regiões, como a Ásia, que durante esse período alcançou altas taxas de crescimento, mas que não constituem um mercado no qual o Brasil tenha grande fluxo de exportações (GORINI, 1998). O resultado não foi mais negativo em decorrência do aumento das exportações para os Estados Unidos, economia que apresentou grande dinamismo durante esse período (COUTINHO et al., 2001).

O efeito competitividade foi responsável por 90% do aumento das exportações, ou seja, se se mantivesse constante a participação dos móveis brasileiros em todos os mercados, o crescimento teria sido 90% inferior. Esse resultado também foi comprovado quantitativamente por Horta e Souza (2000), que apontam a indústria de móveis como um dos oito segmentos que apresentaram vantagens comparativas, reveladas durante o período 1990/1996, o que significa, segundo os autores, que foram registradas taxas de crescimento no comércio internacional. Utilizando critérios qualitativos, Rangel (1993) e Coutinho et al. (2001) também apontaram o segmento exportador da indústria de móveis como competitivo.

Em face disso, os fatores que podem explicar a importância do fator competitividade no aumento das exportações brasileiras, segundo Coutinho et al. (2001), são o nível tecnológico e a atualização tecnológica e administrativa das empresas exportadoras dos pólos de São Bento do Sul e Bento Gonçalves, os quais, segundo a pesquisa de campo desenvolvida pelos autores acima mencionados, apresentam níveis semelhantes aos observados nas empresas internacionais, condição necessária para atingir o nível de competitividade exigido no mercado internacional.

Um outro fator a ser destacado, com base nos dados dos mesmos autores, é a menor verticalização industrial nos pólos de São Bento do Sul e Bento Gonçalves, responsáveis por 78% das exportações brasileiras no ano de 2000, onde existe uma rede de subcontratados, o que representa 20% do total produzido no mesmo ano.

Quando se analisam os subperíodos 1990/1995 e 1995/2000, observa-se uma clara diferença de comportamento das exportações, conforme mostram as tabela 5 e 6.

Essas diferenças ficam ainda mais evidenciadas na tabela 7, que resume os resultados obtidos para cada subperíodo.

Observa-se, pela tabela 7, que enquanto no primeiro período (1990/1995) o efeito do crescimento do mercado mundial foi de 5%, no segundo período este aumenta para 70%. Assim, no segundo período analisado, 70% do crescimento efetivo das exportações de móveis pode ser explicado pelo efeito crescimento do comércio mundial de móveis. O efeito destino das exportações, que foi pouco expressivo no primeiro período (1%), passa a ser negativo no segundo (-12%). Este último resultado expressa a necessidade de incentivar a exportação para mercados mais dinâmicos e a busca de novos mercados pelos exportadores, o que tem sido uma das metas do programa de incentivo às exportações, o Promóvel.

TABELA 5 CÁLCULOS DAS FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS 1990/1995

MERCADO	$V_j(90)$ (US\$ milhões)	$V_j(95)$ (US\$ milhões)	$Xm_j(90)$ (US\$ milhões)	$Xm_j(95)$ (US\$ milhões)	r_j	$r_j^{-1} V_j$ (US\$ milhões)	$r_j^{-1} V$ (US\$ milhões)
Estados Unidos	19	73	5.940	9.128	0,57	10,20	6,33
França	1,1	33	3.000	3.206	0,07	0,08	0,37
Argentina	0,4	28	200	300	0,50	0,20	0,15
América Latina	4,4	58	3.500	6.584	0,88	3,88	1,47
Reino Unido	0,99	22	2.000	1.915	-0,04	-0,04	0,33
Outros	18	116	15.360	18.857	0,23	4,10	6,00
TOTAL	44	330	30.000	40.000	0,33	18,41	14,63

FONTE: SECEX, Centre Industrial Studies - Milano (CSIL)

NOTAS: Dados trabalhados pela autora.

$V_j(90)$ = valor das exportações de móveis do Brasil para o mercado j em 1990.

$V_j(00)$ = valor das exportações de móveis do Brasil para o mercado j em 2000.

$Xm_j(90)$ = valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j em 1990, excluídas as exportações do Brasil.

$Xm_j(00)$ = valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j em 2000, excluídas as exportações do Brasil.

$r_j = [(Xm_j / Xm_j) - 1]$ = taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j.

$r = [(Xm' / Xm) - 1]$ = taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de móveis.

TABELA 6 CÁLCULOS DAS FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS 1995/2000

MERCADO	$V_j(95)$ (US\$ milhões)	$V_j(00)$ (US\$ milhões)	$Xm_j(95)$ (US\$ milhões)	$Xm_j(00)$ (US\$ milhões)	r_j	$r_j^{-1} V_j$ (US\$ milhões)	$r_j^{-1} V$ (US\$ milhões)
Estados Unidos	73	114	9.128	17.000	0,88	82,98	31,03
França	33	69	3.206	4.000	0,25	8,17	14,03
Argentina	28	30	300	100	-0,67	-18,67	-11,90
América Latina	58	37	6.584	8.000	0,22	12,47	24,65
Reino Unido	22	37	1.915	3.000	0,57	12,46	9,35
Outros	116	193	18.857	22.900	0,21	24,87	49,30
TOTAL	330	530	40.000	57.000	0,43	102,27	140,25

FONTE: SECEX, Centre Industrial Studies - Milano (CSIL)

NOTAS: Dados trabalhados pela autora.

$V_j(90)$ = valor das exportações de móveis do Brasil para o mercado j em 1990.

$V_j(00)$ = valor das exportações de móveis do Brasil para o mercado j em 2000.

$Xm_j(90)$ = valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j em 1990, excluídas as exportações do Brasil.

$Xm_j(00)$ = valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j em 2000, excluídas as exportações do Brasil.

$r_j = [(Xm_j / Xm_j) - 1]$ = taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de móveis para o mercado j.

$r = [(Xm' / Xm) - 1]$ = taxa de crescimento percentual do valor das exportações mundiais de móveis.

TABELA 7 - PARTICIPAÇÃO PERCENTUAL DAS FONTES DE CRESCIMENTO DAS EXPORTAÇÕES BRASILEIRAS DE MÓVEIS PARA OS SUBPERÍODOS 1990/1995 E 1995/2000

FONTES DE CRESCIMENTO	1990/1995 (%)	1995/2000 (%)
Efeito crescimento do mercado mundial	5	70
Efeito destino das exportações	1	-12
Efeito competitividade	94	42

FONTE: A autora

Com relação ao efeito competitividade, verifica-se, na tabela 7, uma participação muito maior do crescimento das exportações de móveis no período 1990/1995 (94%) do que no período 1995/2000 (42%). Pode-se afirmar que foi a participação extremamente reduzida do Brasil no comércio mundial de móveis, nos anos iniciais do período analisado, que permitiu esses ganhos substanciais de mercado, os quais não poderiam continuar indefinidamente, a menos que o país deixasse de ser um exportador marginal. Um caminho é aumentar a participação das exportações brasileiras no mercado mundial, para o que seria necessário envolver um número maior de empresas no esforço exportador.

Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo avaliar o desempenho das exportações brasileiras de móveis durante a década de 1990, fase em que se observou um crescimento expressivo, passando de US\$ 44 milhões, no ano de 1990, para US\$ 487 milhões em 2000. Utilizou-se o modelo de comércio internacional *constant-market-share*, adaptado para um só produto na pauta de exportação, a fim de se obter um indicativo da competitividade da indústria de móveis e, assim, quantificar seu desempenho. Os resultados devem ser examinados atentando-se para o fato de que o modelo analítico usa apenas as informações dos anos iniciais e finais do período escolhido.

A hipótese que norteou a pesquisa foi o papel relevante da competitividade no desempenho das exportações brasileiras de móveis. O conceito de competitividade empregado neste trabalho associa a

competitividade ao desempenho das exportações. Assim, são competitivas as indústrias que ampliam sua participação no comércio mundial do produto em questão.

O modelo utilizado consistiu na decomposição do crescimento das exportações de móveis em três efeitos: crescimento do comércio mundial de móveis, destino das exportações e competitividade, sendo considerados os principais compradores de móveis brasileiros os Estados Unidos, a França, a Argentina, a Alemanha e o Reino Unido.

Com base nesse critério constatou-se que a competitividade foi responsável por 90% do aumento das exportações, o crescimento mundial de móveis foi responsável por 8%, e o destino das exportações respondeu por 2%, para o período 1990/2000. A análise por subperíodos 1990/1995 e 1995/2000 mostra que o efeito competitividade cai de 94% para 42%, o efeito comércio mundial passa de 5% para 70%, e o efeito destino das exportações cai de 1% para -12%.

Isso indica que o crescimento das exportações de móveis foi determinado pela ação de fatores internos que afetaram a competitividade internacional do país, tais como política cambial, custo de produção, estratégias competitivas das empresas, comercialização, entre outras. Embora o modelo utilizado não permita a determinação do efeito taxa de câmbio, a não ser de forma indireta, sabe-se que esta variável tem um papel importante na queda da competitividade, já que durante a maior parte do subperíodo 1995/2000 a política cambial implementada durante o Plano Real manteve o real sobrevalorizado. A queda no efeito destino das exportações indica que, para manter os ganhos obtidos, faz-se necessária a ampliação e diversificação dos mercados-alvo das exportações brasileiras de móveis.

Referências

- ABIMÓVEL - Associação Brasileira de Indústrias do Mobiliário. **Panorama da indústria moveleira**. Disponível em: <<http://www.abimovel.org.br>>. Acesso em: 1 set. 2003.
- ANGELO, H. **As exportações brasileiras de madeira tropical**. 1999. Tese (Doutorado)–Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 1999.
- ANGELO, H. **As exportações brasileiras de mogno**. Brasília, 1998. Mimeo.
- ARRUDA, G. **Indústria brasileira do mobiliário: desafios e evolução**. Curitiba: Alternativa, 1997.
- BONELLII, R. A. Crescimento, produtividade na indústria brasileira: impactos da orientação comercial. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.21, n.3, p.533-558, dez.1991.
- BRASIL, A. **As exportações brasileiras de painéis de madeira**. 2002. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2002.
- COELHO, M. H. **Diagnóstico e estratégia competitiva da indústria moveleira do Estado de Santa Catarina**. 2003. Tese (Doutorado)-Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- COELHO-FUENTES, M. R. **Fatores determinantes do desempenho das exportações de móveis: uma análise da indústria brasileira no período de 1990/2001**. 2004. Tese (Doutorado) - Setor de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2004.
- COUTINHO, L. et al. **Design na indústria brasileira de móveis**. Curitiba: Alternativa, 2001.
- FAJNZYLBBER, F. Competitividad internacional: evolución y lecciones. **Revista de la CEPAL**, Santiago, n.36, dic.1988.
- FARINA, E. Cadeia da indústria de madeira e móveis In: UNICAMP. **Estudo da competitividade por cadeias produtivas**. Campinas: Unicamp, 2003.
- FUNCEX - Fundação de Estudos do Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.funcex.com>>. Acesso em: 1 maio 2003.
- HORTA, M. H. Crescimento das exportações brasileiras na década de 70. **Pesquisa e planejamento econômico**, Rio de Janeiro, v.13, n.12, p.507-547, ago. 1983.
- HORTA, M. H.; SOUZA, C. F. **A inserção das exportações brasileiras: análise setorial no período 1980/96**. BNDES. Rio de Janeiro, 2000 (Texto para discussão, 736).
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 1 nov. 2003.
- KUPFER, D. **Padrões de concorrência e competitividade**. Rio de Janeiro: IEI/UFRJ, 1993. (Texto para discussão, 265).
- MARTINS, G. **Percepção dos empresários sul-brasileiros do setor de móveis em relação à ALCA**. 2003. Dissertação (Mestrado)–Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.
- MDIC - Ministério do Desenvolvimento da Indústria e Comércio Exterior. Secretaria do Desenvolvimento da Produção. **Cadeia produtiva de madeira e móveis** (Fórum de Competitividade). Brasília, 2003.
- MEDEIROS, X.; FONTES, R. M. Competitividade das exportações brasileiras de celulose no mercado internacional. **Revista de Economia Rural**, v.32, n.2, p.105-121, abr./jun. 1994.
- NONNEMBERG, M. **As exportações brasileiras no período 1977/96: desempenho e determinantes**. BNDES. Rio de Janeiro, 2001. (Texto para discussão 804).

PEREIRA, L.; SOUZA, F. Evolução da produtividade/competitividade dos setores agroindustriais. In: CARLEIAL, L. (Org.). **Reestruturação produtiva e mercado de trabalho no Brasil**. São Paulo: Hucitec/ABET, 1997.

PINHEIRO, A.; HORTA, M. A competitividade das exportações brasileiras no período 1980/88. **Pesquisa e planejamento econômico**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, p.437-474, dez.1992.

RANGEL, A. Competitividade da indústria de móveis de madeira. In: UNICAMP. **Estudo da competitividade da indústria brasileira**. Campinas: Unicamp, 1993. v.10, p.84.

RIOS, S. M. Exportações brasileiras de produtos manufaturados: uma avaliação econométrica para o período 1964/84. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.22, n.3, p.437-474, dez.1992.

SECEX - Secretaria do Comércio Exterior. Disponível em: <<http://www.mdic.gov.br.com>>. Acesso em: 1 maio 2002.

TAUILE, J. Novos padrões tecnológicos, competitividade industrial e bem-estar social: perspectivas brasileiras. In: VELLOSO, J. **A nova estratégia industrial e tecnológica**: o Brasil e o mundo da III revolução industrial. Rio de Janeiro: José Olimpo, 1990.

VALENÇA, A. C. V; PAMPLONA, L. M. P; SOUTO, S. W. Os novos desafios para a indústria moveleira no Brasil. **BNDES Setorial**, Rio de Janeiro, n.15, p.83-96, mar. 2002.

ZINI, A. Funções de exportações e importações para o Brasil. **Pesquisa e Planejamento Econômico**, Rio de Janeiro, v.18, n.3, p.615-662, dez.1998.

